

A presente edição da Revista da Associação Brasileira de Nutrição chega no momento em que está completando um ano o surgimento do primeiro caso de COVID-19 no Brasil, e início do isolamento social a que a população brasileira, como o restante do planeta, precisou se submeter, para conter a contaminação pelo coronavírus.

E apesar de todos os esforços dispendidos por todos ainda não se vislumbra o término deste, que talvez seja o maior desafio dos últimos tempos, dada a sua magnitude.

Foi necessário que todos se reinventassem de alguma maneira para dar continuidade a toda sorte de atividades, e a conexão pela rede web foi fundamental para isto. Foi nesse ambiente virtual que quase todo tipo de relação passou a acontecer, cultural, econômica, educacional, social e de pesquisa. Esta última, proliferou, tanto para o entendimento da doença, como para avaliar a proposição de novos hábitos e os seus impactos em todos os setores da sociedade e em vários aspectos da vida.

Atividades que eram realizadas online, como as relacionadas para edição de periódicos científicos deixaram de ser exclusividade e em alguns casos, como ocorreu com a RASBRAN foram necessárias a atualização do seu sistema e outras medidas para tornar mais eficiente o processo de submissão, avaliação/revisão e editoração. Embora as circunstâncias gerais não fossem a mola propulsora ideal, foi nessa realidade que a revista ampliou sua indexação em diversas bases e a adoção do DOI (*Document Online Identification*) em seus artigos. Por outro lado, esta nova realidade gerou um impacto negativo, pelo fato de ter aumentado enormemente o número de artigos submetidos nesse período, refletindo numa sobrecarga no fluxo editorial da revista.

Mesmo neste ambiente de desafios extremos, apresentamos a nova edição.

É interessante notar que dos 16 artigos, três tratam de temas associados. Tais artigos abordam os novos hábitos alimentares, a preocupação com o consumo de alimentos ultraprocessados, a qualidade da dieta relacionados ao risco de desenvolvimento de distúrbios metabólicos, como hipertensão, diabetes, DHNA e obesidade. Contudo, antes de se entender de fato as relações que foram evidenciadas, haverá provavelmente um novo cenário num futuro próximo que poderá modificar esta perspectiva. Dois desses artigos (“Ambiente obesogênico universitário: achados de uma cidade brasileira” e “Estilo de vida dos universitários do curso de Nutrição”) foram realizados com estudantes de nutrição, que terão importante papel na sociedade à medida que esta realidade se concretize. E em ambos a melhoria do estilo de vida especificamente aos componentes como nutrição e atividade física precisam ser melhorados, o que torna fundamental que a formação do nutricionista considere esta nova abordagem. Fica evidente esta preocupação no artigo “Perfil dos egressos do curso de Nutrição da Universidade Federal de Lavras”, que sendo a área clínica, a área de atuação do nutricionista preferencial dos ingressantes se consolida na atuação da maioria dos egressos daquela instituição.

Ainda em relação à qualidade da dieta de adultos atendidos no sistema público, “Estado nutricional de adultos atendidos em Estratégias de Saúde da Família de um município do Vale do Paranhana – RS” e “Avaliação da qualidade da dieta de pacientes diabéticos tipo 2 atendidos no Ambulatório de Nutrição da Universidade Federal de Pelotas” ambos concluem sobre a necessidade de intervenções nutricionais adequadas e cuidados específicos sobre o agravamento de comorbidades, especialmente a obesidade. Os artigos “Comparação do estado nutricional em pacientes com insuficiência renal crônica com e sem hiperparatireoidismo secundário” e “Adequação da terapia nutricional enteral, complicações gastrointestinais e intercorrências em pacientes críticos”, discutem outras comorbidades de igual importância.

Dentro da perspectiva de redução de riscos, os artigos “Efeito da batata yacon (*Smallanthus sonchifolia*) sobre os parâmetros glicêmicos de idosos institucionalizados” e “Estudo do processo de obtenção da polpa de Beterraba vermelha (*Beta vulgaris L.*) em pó pelo método *foam mat drying* para aplicação em alimentos visando a substituição de corantes alimentícios sintéticos” traz a relevância da diversidade no consumo de alimentos, e a aplicação de princípios ativos de vegetais, bem como a proposição de produção de componentes para a indústria de alimentos, que se enquadrem no conceito de alimentação saudável e adequada.

Já o artigo “Avaliação da rotulagem de leite UHT “zero lactose” comercializado na cidade de Natal/RN” trata da importância da informação para a educação alimentar e nutricional, como forma de proporcionar autonomia aos consumidores para a melhor seleção de alimentos saudáveis. E esta questão se estende a quem produz refeições e prepara alimentos, que nem sempre têm noção da dimensão da sua ação na alimentação coletiva e que para além de manipulador de alimentos estas pessoas são também sujeitos desse processo, já que fora do ambiente organizacional são consumidores como se observa no artigo “Perfil demográfico e socioeconômico de manipuladores em uma unidade de alimentação e nutrição”.

A obesidade está entre os temas abordados na maioria dos artigos de forma indireta e diretamente nos artigos de revisão “Efeitos do jejum intermitente para o tratamento da obesidade: Uma revisão de literatura”, “A influência do método estratégico jejum intermitente para o emagrecimento saudável: uma revisão”, “Efeitos Nutricionais e Mecanismos Bioquímicos na Doença Hepática Gordurosa Não Alcoólica”, “Cálcio na regulação da adiposidade corporal de adolescentes e adultos: revisão sistemática” e “*Instruments and Diagnostic Criteria for Binge Eating Assessment in Adults: a Systematic Review*”. Ainda persiste o aspecto inconclusivo dos resultados, porém há de se ressaltar, que para uma questão multicausal, o tratamento da obesidade também o é, por isto a necessidade de cautela nas condutas adotadas e aprofundamento dos estudos.

A obesidade apareceu em vários artigos desta edição, mas por que a promoção de alimentação saudável, estratégias que evite o agravamento e até mesmo chegar ao estágio da obesidade ainda são pouco valorizadas? Será que a nossa forma de abordar não está sendo eficiente? Frente a este cenário qual o papel do nutricionista? O nutricionista não deveria estar atuando mais fortemente em ações, estratégias e políticas públicas para a prevenção da obesidade? Cabe aos profissionais repensar o papel do nutricionista neste cenário.

Enfim, não se tem ideia como será a nova dinâmica quando superarmos a pandemia, mas que será diferente, é o que se imagina. E por mais que não tenhamos uma ação direta no tratamento e prevenção da COVID-19, fica evidente a importância da nutrição.

Esperamos que a leitura dos artigos desta edição informe, inspire a novos olhares sobre a nutrição e a saúde.

Céphora Maria Sabarense, Ana Paula Ferreira da Silva e Ruth Cavalcanti Guilherme
Editoras